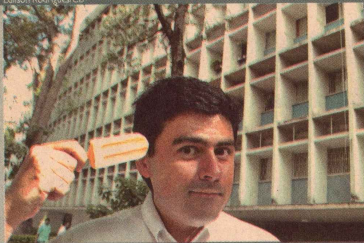
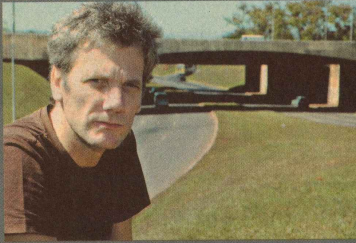


{4+7}

Edison Rodrigues/CB



Breno Fortes/CB

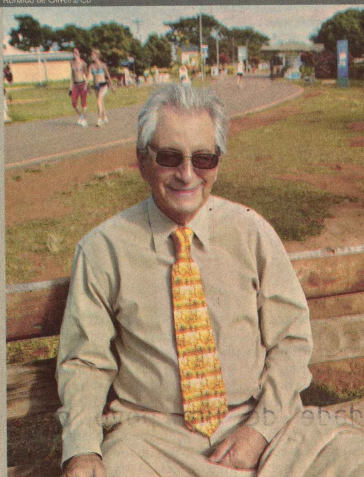


Edison Rodrigues/CB



Marcelo Duarte//Alan Pauls//Carpinejar

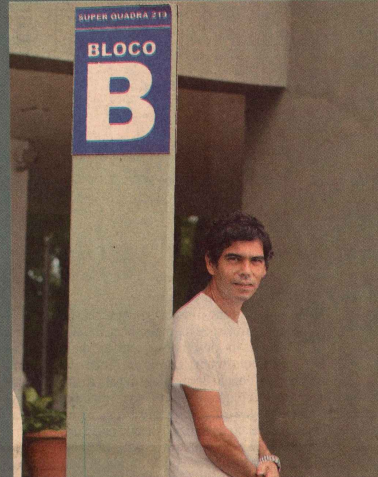
Renaldo de Oliveira/CB



Cadu Gomes/CB



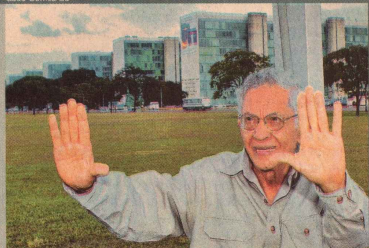
Guizvo Moreno/Especial para o CB





Fernando Gabeira//Stela Maris//Dado Villa-Lobos

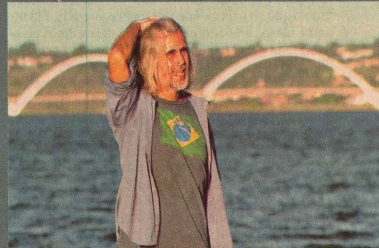
Caду Gomes/CB



Caду Gomes/CB



Edison Rodrigues/CB

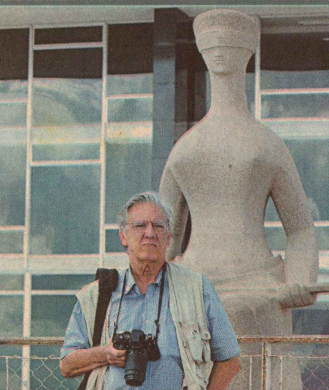


Vladimir Carvalho//Rosa A. Strausz//Oswaldo Montenegro

Jose Varella/CB - 8/0/05



Zuleika de Souza/CB

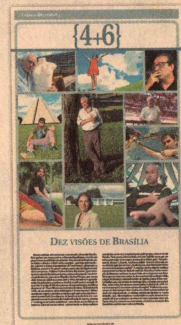
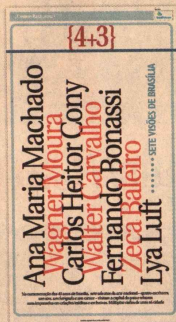


Desde 2002, o *Correio* convida escritores e artistas a se pronunciar sobre Brasília no dia do aniversário da capital inaugurada em 1960. Em sua sexta edição, o suplemento especial inclui moradores, figuras ligadas de maneira umbilical à cidade e quem nunca havia pisado na terra vermelha do cerrado. São 11 percepções de um lugar que não pára de crescer, especialmente na dimensão simbólica. O livre itinerário permite a liberdade de expressão. O convite ao leitor é para se deliciar na plasticidade das imagens superpostas, nos contrastes das fotografias, nas esquinas dos relatos de viagem, nos labirintos da memória recuperada, nos meandros da prosa de ficção, nas entrequadradas da linguagem poética. Veja você também esta outra Brasília, sempre reinventada.

Siron Franco//Luis Humberto

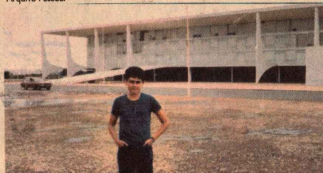
ONZE VISÕES DE BRASÍLIA

ENCONTROS E REENCONTROS



Pelo sexto ano consecutivo, o Correio brinda o leitor com visões inéditas sobre Brasília. Em seu aniversário de 47 anos, quatro artistas locais e sete de fora foram a campo em busca do melhor ou mais pessoal ângulo de abordagem para a capital que se aproxima do cinquentenário. Pela primeira vez, um escritor em língua estrangeira foi especialmente convidado para o projeto de narrar os artifícios do urbanismo e da arquitetura modernos, como já fizeram com palavras e imagens, entre outros, Ana Miranda, Verissimo, Elisa

Arquivo Pessoal



buscando sintonizar esses estudos teóricos com a minha experiência pessoal", conta. "O texto que escrevi para o Correio é uma introdução desse estudo. Percebi, por exemplo, que o Setor Hoteleiro não foi um sucesso conceitual, não deu certo, todos ficam muito isolados. O segundo ponto, o mais importante, é que Brasília se legitima pelo mais importante dos aspectos: a satisfação dos moradores com a cidade."

Moradores como o cineasta paraibano Vladimir Carvalho e a escritora mineira Stela Maris Rezende, Vladimir tomou a palavra para acunar com realida-

te de fora foram a campo em busca do melhor ou mais pessoal ângulo de abordagem para a capital que se aproxima do cinquentenário. Pela primeira vez, um escritor em língua estrangeira foi especialmente convidado para o projeto de narrar os artifícios do urbanismo e da arquitetura modernos, como já fizeram com palavras e imagens, entre outros, Ana Miranda, Veríssimo, Elisa Lucinda, João Moreira Salles, Miguel Rio Branco, Milton Hatoum, Marcelo Camelo, Maurício de Sousa, Ney Matogrosso, Jorge Furtado, Paulinho da Viola e Ziraldo. Ao chegar de outra capital, Buenos Aires, o escritor argentino Alan Pauls não teve dúvidas ao definir sua primeira impressão: acabara de entrar numa ficção científica.

Uma invenção futurística com viés poético, garante o gaúcho Fabrício Carpinejar, poeta em tempo integral. "As ruas de Brasília são pontes. Há sempre um mar de claridade por baixo. Minha filha Mariana mora aqui, tudo o que vivo na cidade vem com a voz dela. Ela me narra. Ela me leva de ônibus. Brasília me dá uma vontade danada de ser feliz", ri Carpinejar, para vergonha da filha adolescente. Como não poderia ser diferente, ele saiu da visita deixando para trás versos bem brasileiros, que Mariana lerá para sempre. "Para chegar aos braços de minha filha, tenho que tomar a L2."

Curioso por natureza, o jornalista paulistanista Marcelo Duarte foi em busca do inusitado. Encontrou Jesus na Feira do Guará. "Você não sabe a emoção que estou sentindo", confessou na hora o autor do *Guia dos curiosos* e o editor por trás (ops) do fenômeno Bruna Surfistinha. A vinda a Brasília fez Marcelo adiar uma viagem ao Maranhão para tomar o guaraná Jesus. Na primeira visita à cidade, em 1978, ele não encontrou a camisa do Brasília Esporte Clube. Trinta anos depois, deparou-se com mais do que imaginava: "Parece que todo o Brasil está de alguma forma dentro de Brasília. Voltei entusiasmado, falando do sorvete de mel de engenho com queijo coalho, do guaraná Jesus, do Conic..."

Já o fotógrafo Luis Humberto, 72 anos, em Brasília desde 1961, aceitou o desafio de reencontrar o que conhece muito bem. Ficou decepcionado com o que ob-



MARCELO DUARTE, NA PRIMEIRA VISITA À CIDADE, EM 1978

serviu há duas semanas na Praça dos Três Poderes. "Tomei um susto. Colocaram umas grades horrososas em volta do STF. Não dava para chegar perto da estátua da Justiça, estava tudo cercado." Decidiu buscar imagens mais adequadas aos tempos que Brasília vive. Munido de câmera Nikon F3, fotografou o novo Museu da República ("muito árido, pouco atraente para o passeio a pé, mais uma prova de que Oscar não é fã do paisagismo") e também o local no Eixo Sul onde foi colocada escultura em homenagem a um ciclista atropelado.

Morador da mesma Asa Sul durante partes da infância e da adolescência, o guitarrista Dado Villa-Lobos nunca esqueceu a cidade onde virou roqueiro, a cidade que viu formar-se a maior banda da história do rock brasileiro, a Legião Urbana. Desde 1985 no Rio de Janeiro e hoje em carreira musical solo, Dado não dá margem à dúvida: "Adoro a cidade. Sou um paladino de Brasília. Sempre a defendendo."

Do contrário foi acusado o deputado federal Fernando Gabeira. Para esclarecer a polêmica frase publicada na *Playboy*, em que dizia que a noite brasileira só tem "lobista, puta e deputado", Gabeira aceitou o desafio de refletir sobre a capital em seu aniversário. "Tenho estudado há algum tempo a maneira como Brasília é vista pelos grandes urbanistas,

Porcebi, por exemplo, que o Setor Hoteleiro não foi um sucesso conceitual, não deu certo, todos ficam muito isolados. O segundo ponto, o mais importante, é que Brasília se legitima pelo mais importante dos aspectos: a satisfação dos moradores com a cidade."

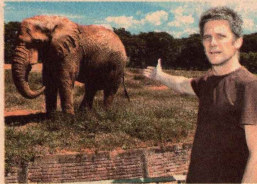
Moradores como o cineasta paraibano Vladimir Carvalho e a escritora mineira Stela Maris Rezende. Vladimir tomou a palavra para ocupar com realidades de documentarista a Esplanada dos Ministérios. Stela Maris, por seu turno, fez ficção situada em Taguatinga, onde morou por mais de 40 anos. "A cidade tem encantos que só se acham aqui, como a sensação de amplidão, o sossego, o silêncio. É o melhor lugar do mundo para escrever. Para publicar, não", diz ela, que tem livros lançados por 12 editoras – apenas uma da cidade.

Outra autora de livros infantis e infanto-juvenis, a carioca Rosa Amanda Strauss, conheceu Brasília de férias em 1968. Passou um mês na Asa Norte. Criada em apartamento no bairro do Flamengo, lembra da sensação de liberdade que o Plano Piloto proporcionava para as crianças. "Parecia uma cidade de brinquedo. A gente voltava para casa totalmente coberto de terra vermelha", recorda. Foi a partir dessas lembranças, incluindo aí o clima pesado da ditadura militar, e em confronto com a Asa Norte contemporânea, que Rosa se inspirou para escrever seu texto.

O artista plástico goiano Siron Franco confessa seu amor por Brasília, onde já morou. Ou antes disso: "Estive na inauguração de Brasília." E para cá "sempre pensa em voltar". Assim como Oswaldo Montenegro, que gostaria de encontrar no palco a nova geração de atores e cantores. Um brasileiro de carteirinha, Oswaldo, autor da música e do musical *Léo e Bia*, que disputa com *Eduardo e Mônica* o título de casal mais famoso da cidade. O menestrel retornou ao "centro de um planalto vazio" e constatou: "O período que vivi em Brasília foi um momento especial da minha vida. E minha ligação com a cidade continua forte". Daqui ele saiu para a fama nacional. Mas nunca descobriu pôr-do-sol igual.

[DIÁRIO DE TRABALHO]

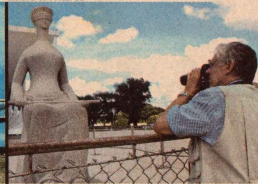
Breno Fortes/CB



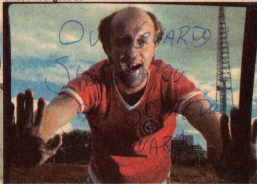
Ronaldo de Oliveira/CB



Zuleika de Souza/CB



Edison Rodrigues/CB



O escritor argentino Alan Pauls fez questão de conhecer o zoológico, que considerou mais espaçoso que o de Buenos Aires; o deputado federal Fernando Gabeira posa para fotos em um de seus lugares favoritos, os arredores da Torre de TV; Luis Humberto tentou fotografar a estátua da Justiça, mas ficou indignado com as grades pelo assalto à beleza das formas; o gaúcho Fabrício Carpinejar, trajado com a camisa do Internacional dos tempos do craque Falcão, mostrou-se por detrás das palavras e fez poesia até nos vidros do carro do jornal

expediente

Diretor de Redação: Josemar Gimenez (j.gimenez@correioweb.com.br); Editora-chefe: Ana Dubeux (ana.dubeux@correioweb.com.br); Editor-executivo Carlos Marcelo (carlos.marcelo@correioweb.com.br); Edição de arte e diagramação: João Bosco Adelfo de Almeida (joao.bosco@correioweb.com.br); Editor de fotografia: Luis Tajés (luis.tajes@correioweb.com.br); Edição, produção e redação: Carlos Marcelo e Sérgio de Sá (especial para o Correlio); Coordenação de produção: Aida de Fátima Reportagem: Irina Rocha Lima, Leonel Rocha e Nival Estuque; Agradecimentos: André Campos, Benjamin Sica, Graça Ramos e Nicolau Beltr.

FERNANDO GABEIRA

A Brasil Telecom já apoiou mais de 200 projetos sociais em toda a sua área de atuação.

A VIDA FOI MAIS FORTE

Tudo o que posso dizer sobre Brasília é provisório. Lucio Costa, no entanto, disse algo definitivo: a vida foi mais forte. Provisoriamente, tento avaliar o que era o plano, o que a vida fez dele.

Estou muito atrasado. Os primeiros meses se passaram na tentativa de achar esquinas, ladeiras, o caos das grandes cidades.

Era uma forma errada de olhar, procurando algo que se deixou para trás, ignorando a singularidade de uma experiência urbana de construir uma identidade nacional a partir da arquitetura.

Por azar ou não, os primeiros anos foram passados dentro do grande erro conceitual do projeto: o setor hoteleiro, muito frio, distante, embora reúna num mesmo espaço hotéis de níveis diferentes.

Moro hoje num edifício chamado Bulevar Marx. Eu o conheci, almocei em sítio em Guaratiba, viajei para ver como trabalhava, planejando uma praça em Belo Horizonte. E, como gostava de cantar ópera na sobremesa, talvez me ouvisse com tolerância.

A idéia de uma cidade-parque era mais do que moderna, era profética. A extensão do verde por habitante só iria valorizar Brasília. No entanto, há alguma coisa que falta. O casamento da cultura e da natureza poderia ser mais aquoso: fontes e chafarizes que trabalhem para atenuar a secura.

Mesmo sob um ponto de vista estético, a água presidiu a batalha urbana. A Escola de Chicago dizia que a cidade é um campo de luta pelas melhores posições. Os ganhadores se instalaram na beira do

sonho de uma solidão do planalto, diferente daquela a que se referia JK. A solidão do homem só, em viagem, deslocado de suas referências urbanas e, talvez por isso, mais desprotegido do seu lado instintivo.

Ainda é preciso caminhar muito para entender o que a vida fez do plano. Mas se algo poderia melhor representar essa força da vida é uma constatação unânime: Brasília foi legitimada pela satisfação de seus moradores.

Andei um pouco pela cidade, fotografei-a em várias oportunidades. Tenho meus pontos de referência. Por exemplo, quando chego de táxi na entrada da 103 Sul, gosto sempre de dizer: pare ali na loja de costura. É uma estrutura metálica que me

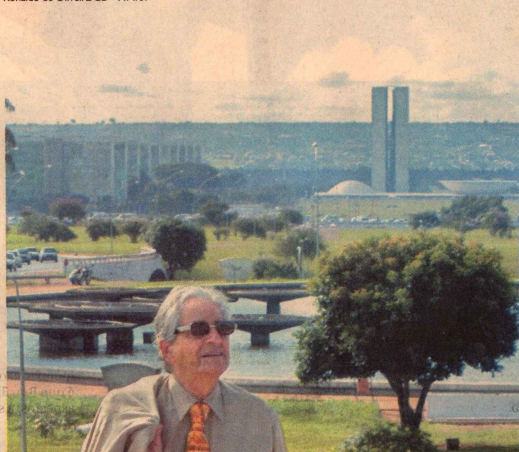
serve de âncora. Ela não estava no plano e, de certa forma, me recompensa pela dificuldade inicial na cidade. A de acostumar-se à existência de uma quadra só de farmácias, com a concentração do comércio e a guerra visual para o destaque.

A loja de costura é cinza, discreta. E responde a estúpida pergunta que sempre me fazia no início: será que existe uma quadra para esses pequenos consertos?

Aos poucos você vai fazendo a sua cidade mental, que também é uma forma de responder ao plano. Mas a convivência com a cidade concreta e real é difícil quando se passa parte do tempo naquela Brasília dos corredores políticos e burocráticos.

Trabalho sempre com a sensação de que essa Brasília oficial está em perigo. E que é preciso lutar para que ela se dê conta disso. O que ouvimos sobre essa Brasília nas ruas das grandes cidades

Ronaldo de Oliveira/CB - 11/4/07



Mesmo sob um ponto de vista estético, a água presidiu a batalha urbana. A Escola de Chicago dizia que a cidade é um campo de luta pelas melhores posições. Os ganhadores se instalaram na beira do lago. E, o que é surpreendente, mostraram um pendor pela arquitetura colonial.

Independente de tudo, Brasília deveria dizer um pouco quem sou. Ela expressa arquitetonicamente uma idéia de Brasil. Lucio Costa falava da dignidade das linhas e dos monumentos. Mas há também o vazio que nos colhe, de onde enfrentamos visualmente a cidade.

A combinação da dignidade dos monumentos com a sensação de vazio talvez esteja na raiz da sensação de frieza das manifestações políticas na Esplanada dos Ministérios. Prefeitos querem uma cota maior dos impostos, sem-terra pedem alguns hectares – tudo parece tão modesto diante da amplitude do horizonte.

A vida falou mais forte na Rodoviária, na eterna discussão sobre um centro. As cidades-satélites que se ergueram em torno acabaram ocupando seu espaço com vendedores ambulantes, ou mesmo o artesanato na grande torre que domina a cidade.

Imagino que não apenas a concepção de Lucio Costa, levando-nos à amplitude, mas também a luz tem um peso em tudo isso. A luz do Planalto. Ela sempre foi elemento de transporte para outros mundos – uma janela mística. E isso vingou em Brasília com a multiplicação de seitas religiosas.

Meu primeiro lamento: quem trabalha dentro do Congresso sente-se no exílio, degradado das ricas tonalidades da vida lá fora. Claro, sempre se pode ir ao bar no fundo e contemplar a tarde na Esplanada. Mas o dia-a-dia é uma experiência de abrigo antinuclear.

Mas o espaço do poder político é apenas um cenário. É muito difícil dissecá-lo por dentro. O percurso do Congresso ao setor de hotéis, ao entardecer, lembra-me a quietude de algumas capitais européias, sobretudo no verão, quando escurecia mais tarde. Tudo fica quieto, abandonado.

Durante os primeiros anos como parlamentar, fiz esse percurso de bicicleta. Havia apenas um grupo de prostitutas numa das esquinas, apenas um dos anéis que se fazem em torno do setor. É uma ponta da realidade que, serve no fundo, para enriquecer



Trabalhar sempre com a sensação de que essa Brasília oficial está em perigo. E que é preciso lutar para que ela se dê conta disso. O que ouvimos sobre essa Brasília nas ruas das grandes cidades brasileiras revela um grande abismo.

A sensação é que essa Brasília deslocou-se da sociedade e decidiu arbitrar sozinho sobre as prioridades. Notícias negativas nascem aos borbotões. Parte porque existem mesmo, parte produzidas pela própria insensibilidade.

Oscar Niemeyer, Lucio Costa e Burtus Marx tinham diante de si uma concepção: dizer o que era o Brasil, através de sua obra. Uma proposta arquitetônica de identidade nacional. A própria concepção estratégica está sendo negada pelo desencontro atual entre um parlamento e a opinião pública.

Nesse sentido, a vida entrou de outra maneira no plano. Enquanto a visão de morar e conviver foi adotada, a proposta de dignidade, de amplos horizontes é sufocada por perspectivas políticas medíocres.

Três Brasília estilhaçadas: a dos que moram, a dos que circulam no poder e a dos autores do plano. Quando essas imagens vão se juntar?

Quanto ao plano, é preciso sempre estar aberto para que a realidade apareça nele; de outra maneira, seria monótono.

Quando se pensou em Brasília, com aquela ânsia de juntar capital e interior, pensou-se na cidade como uma espécie de ponte para o mais profundo do país.

Isso hoje é uma realidade, pelo menos de um ponto de vista do espaço aéreo. O aeroporto de Brasília é hoje uma escala essencial. Por aqui, começou a aparecer o nó no sistema de controle aéreo.

No aeroporto, quando muitos partem para seus estados, vivemos algumas horas de espera. Um caldeirão brasileiro. Alguém sai correndo para o voo de Rondônia, a bandada do Espírito Santo na fila de embarque, o ministro esperando na fila.

Trocamos histórias e impressões. Ali, não se distingue governo e oposição. Há uma sensação de se estar no mesmo barco, isto é, no mesmo avião do qual temos idéia de quando vai partir. E o clima é ameno.

Ali, agradecemos, quem sabe inconscientemente, aos sonhadores que criaram Brasília. Se foi possível fazer uma capital no meio do país, será possível também que o trânsito por essa ponte seja fluido e seguro.

Fernando Collor

[CORREIO BRAZILIENSE]

STELA MARIS REZENDE

O MISTÉRIO DA MENINA DE LUA

Cadu Gomes/CB



Para uma vez uma menina.

A resposta estava ali nos silêncios dos olhos dela.

Era uma vez uma menina. E aconteceu faz tempo, quando não era um belo dia. A modo e tempo de eu imaginar que a minha vida fosse apenas um toque de abandono, um despertador de lágrimas, uma pequena máquina de fome, sede, ranco, feridas abertas na pele do desprezo eterno.

Toda quinta-feira, de 15 em 15 dias, aparecia diante de mim, no estacionamento da rua em frente, um ônibus-biblioteca.

Eu queria saber a hora exata que ele chegava, mas me distraía observando coisa ou outra, e então quando eu dava fé, ele já estava estacionado. Paciência. Eu nunca iria saber a hora certinha.

Tenho vez de hora certinha. A todo momento, lá vou eu querendo saber a hora exata desse ou daquele acontecimento. Deve ser problema psiconológico. Fui criado num ambiente muito rigoroso, muito minucioso, sala e quarto de repetir quinhentas vezes: dia, menino, mas diga sem perigo de errar, quantas horas são?

Por isso, eu queria saber a hora certinha que ele chegava. Mas o ônibus-biblioteca parecia um fantasma, aparecia de repente, fazer o quê.

E mais não afianço, vai daí eu parava de pensar nesse assunto de hora exata e ficava olhando pra menina que chegava.

Ela estava sempre ali por perto, porque era menina de rua.

Tinha o cabelo amarradinho pra trás.

Estava sempre de saia lilás e blusinha preta.

O nome dela era Umbelina, mas preferia ser chamada de Lilina.

Então era uma vez uma menina que se chamava Lilina.

Continuando, pois o tempo passa e a gente precisa continuar também, é de ver que, toda quinta-feira, de 15 em 15 dias, Lilina chegava na praça.

E me olhava.

Me olhava de um jeito estampado. Um jeito florido. Um jeito macio.

Lilina inteirinha era um tecido de qualidade fina.

Depois de me olhar desse jeito solene, ela entrava no ônibus-biblioteca.

E ficava lá dentro quase o dia inteiro.

Sem jamais poder entrar naquele ônibus, sem jamais poder correr e alcançar uma pipa, sem jamais poder jogar futebol, eu me mantinha firme na praça principal de Taguatinga. O meu destino era permanecer ali.

Mas eu podia imaginar as mil e trezentas viagens que aconteciam dentro do ônibus, e imaginava, imaginava sem parar, enquanto não parava de dizer o que eu precisava dizer a todas as pessoas que me olhavam e me faziam uma pergunta importante.

Eu era um menino sem outro tempo, a não ser o tempo de ficar na praça do centro de Taguatinga, pra sobreviver. Um menino que precisava se virar sozinho pra sobreviver. Na praça mais antiga de Taguatinga.

Então eu via muita coisa naquela praça, coisa triste e coisa alegre, mais triste do que alegre, preciso adiantar.

Lilina era uma menina que fugiu de casa.

Sei disso, e sei mais ainda, embora ela nunca tenha se aproximado de mim pra dizer com todas as letras: ô menino preocupado com a hora certinha, vou te contar a minha história. Olha, eu fugi de casa, porque eu só tenho o meu pai e ele me fez mal. Não que ele seja um homem mau. Mas quando ele bebe, ele perde a razão e a decência, sabe? Não vou permitir que ele me faça mal nunca mais, Deus me livre. Então eu prefiro morar na rua, enquanto for preciso.

Lilina não me contou tudo isso com todas as letras, mas me contou tudo isso com todos os silêncios, antes e depois de entrar no ônibus.

É que, antes de entrar, e depois de sair, como eu já disse e vou dizer outra vez, ela me olhava.

Me olhava um pouco. Um pouco que era muito tempo. Um tempo que dava pra eu olhar pra ela e então eu também fazia uma pergunta importante.

A resposta estava ali nos silêncios dos olhos dela.

O tempo foi passando e um dia o ônibus-biblioteca parou de aparecer na praça principal de Taguatinga.

Parou de aparecer.

O fantasma, o ônibus-biblioteca.

Ara mas tá. Que embondo de ônibus mais estúrdio.

E mais não afianço, mas eu me perguntava: e os mistérios dos livros? Como viver sem eles?

Tive medo de que a menina fosse morrer.

Morrer de tristeza, de saudade, de solidão.

Daí pensei: se eu me mantinha em pé na praça, se o meu trabalho era ali, se eu fui contratado pra executar o meu serviço ali, se eu jamais sairia dali, eu podia muito bem chamar a menina, pedir que ela ficasse perto de mim, pra me olhar por mais tempo.

Podia pedir que ela ficasse comigo por pelo menos meia hora.

Enquanto não houvesse o ônibus-biblioteca, ou ela não tivesse uma outra forma de sonhar, eu podia muito bem fazer o tempo correr mais leve.

Tomei a decisão mais importante da minha vida: chamei a menina. Chamei de um jeito que só eu sei, e esse jeito não revelou nem ao jornalista mais sábio de fazer pergunta.

E aí aconteceu uma coisa misteriosa.

Uma catilôgênia de avatesma de ingresso.

Uma revoada de asas mais forte que o desprezo eterno.

De um instante pro outro, Lilina que era só uma menina de rua, virou também uma menina de lua.

Uma menina que me olhava intensamente, sempre que tinha vontade de me olhar. Me olhava por muito tempo. Muito tempo mesmo. Era um tempo comprido, mais um tempo enorme, somado a um tempo que ninguém saberia medir.

Ela me olhava, me procurava, me encontrava.

E assim, quando tinha vontade, quando estava de lua, a menina me contemplava, com uma revoada de asas.

Ela entendeu o meu destino. Esse destino de ter todo o tempo do mundo.

A modo e tempo que Lilina começou a imaginar outro mundo.

Imaginou tanto, mas tanto, e por tanto tempo, que o imaginado se tornou o existido. Teve um dia, quando não era um belo dia, ela desapareceu. Registrei a hora certinha: Lilina desapareceu às cinco e quarenta e três de uma tarde de maio. Nunca mais foi vista.

Mas a menina de lua vai sempre aparecer pra mim, quantas vezes eu quiser, nesse meu destino de ter todo o tempo do mundo.

Por falar em mundo, todo mundo só fala a respeito da Praça do Relógio. Que a Praça do Relógio tem vendedor de doce. Que a Praça do Relógio tem comprador de pimenta, de remédio, de bijuteria, de amor, de ódio e todo tipo de droga. Que a Praça do Relógio tem gente de todo tipo. Que a Praça do Relógio hoje em dia tem até uma estação de metrô.

Quem fala simplesmente, e com respeito, a respeito do relógio da praça?

Quem pára pra pensar que o relógio também tem seus mistérios?

Lilina ouviu o relógio.

O tempo. O sonho. O encantamento.

A menina de rua que virou menina de lua entendeu que eu não sou apenas o relógio. Não apenas uma máquina em poucos segundos. Não apenas vários minutos e tantas horas de um trabalho sempre igual.

Eu sou um tempo de imaginar.

Não nasci pra ver o tempo correr feito barata tonta.

Nasci pra fazer o tempo quase parar, ir mais devagarzinho.

Nos meus ponteiros, sempre é hora de ouvir histórias.

Stella Maris de Aguiar

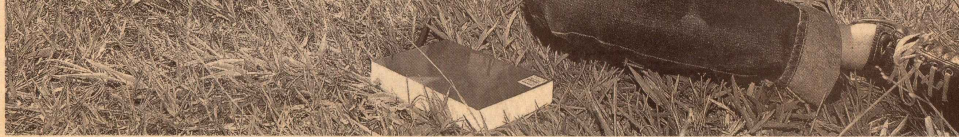
[CORREIO BRAZILIENSE]

ALAN PAULS

O FUTURO ANTERIOR

Breno Fortes/CB





A primeira perplexidade com que tropecei em Brasília não nasceu do espaço mas do tempo. "Tropecei" é modo de dizer: ia de carro. (Já no avião que me levava a Brasília, soube que ao longo de três dias usaria menos minhas pernas que as rodas de outro: no dorso da mesinha dobrável que tinha à minha frente, um Fiat Stilo modelo Schumacher ostentava sua arrogância cor vermelho-sangue encorajado por esta legenda: "Se vê-lo assim sozinho te seduz, imagina com você dentro dirigindo"). No carro soava Legião Urbana — *Geração coca-cola*, exemplo de autobiografia musical que S., meu anfitrião e amigo, havia escolhido como carta de apresentação. Avançávamos pelo Eixo Monumental. Deixávamos para trás o setor dos ministérios com suas persianas estranhas, verdes como suaves pálpebras vegetais, quando pensei: como é possível que Brasília, a cidade do futuro por excelência, possa me fazer retroceder, dar marcha a ré, me reapariar para esse passado absoluto que é a infância?

Minha visão de Brasília, cidade única, pioneira, de vanguarda, era desde o princípio uma retrovisão, um déjà-vu. Induziam a isso alguns estímulos inconfundíveis: o espaço deserto, o culto da intempérie, a estranha soberania da arquitetura (ao mesmo tempo altiva, porque não tem rival, e modesta, porque está fundada na repetição), a falta de barulho, as desmesuras da escala... E sobretudo as siglas, que proliferavam no espaço público como hieróglifos destinados a uma raça superior de leitores: N-Q3-L, SHIN-Q1-07... As siglas são um talismã clássico para a imaginação de toda criança crescida nos anos 60. São a unidade mínima de um idioma sinóptico que acredita que justapor números e letras é reduzir o sentido e a complexidade do mundo a um jogo de coordenadas. Mas se as siglas brasilienses me despertaram os ecos de uma infância intacta, é porque nessa linguagem impronunciável repercutia o imaginário que teceu minha meninice, a meninice típica do filho da cultura de massas: o imaginário da ficção científica.

De *Fahrenheit 451* a *Alphaville*, todos os cartões-postais de paisagens urbanas antipatrióticas que me viram crescer reapareceriam de repente encarnadas em Brasília, não em um setor particular, não em uma zona privilegiada — um desses bolsões demarcados onde os municípios costumam concentrar seus arrematamentos experimentais — senão na cidade toda, em sua execução e seu conceito. E reapareceriam — é o aspecto verdadeiramente subversivo do déjà-vu — irri-

gadas com a mesma qualidade emocional paradoxal que haviam apresentado na primeira vez, quando eu tinha 6, 7, 8 anos e me deixava enfeitar por qualquer imagem que imaginasse algo que ainda não existia: a euforia (de sentir que se podia ver o futuro), a inquietude (de comprovar que o futuro podia ser inumano e aterrador). Eu apenas aterrissava — se é que se pode realmente aterrissar num lugar tão aéreo, tão suspenso como Brasília — e Brasília já me inspirava a mesma perturbadora ambivalência que costumavam me inspirar essas arquiteturas do futuro descobertas, quando menino, no cinema ou na televisão: beleza e opressão, inteligência e despotismo, inovação e onisciência. Mais que perturbadora, era uma ambivalência quase dolorosa, mas não pela dose de medo que incluía, senão porque me colocava um dilema (a beleza deve ser opressiva?) ao mesmo tempo em que me condenava a não poder resolvê-lo. Ao que parece, a beleza vinha com a opressão, a inteligência com o despotismo, a inovação com a vontade de controle.

A idéia de futuro está no coração da experiência de déjà-vu que Brasília foi para mim. Porque pensando bem, há alguma idéia mais datada, mais capturada pela história? Há algo mais passado que o futuro? E, no entanto, enquanto seguíamos viajando de carro e desviando de pedestres acovardados — agora ao som de Lobão —, me dei conta de que se algo compartilhava com Brasília, algo a um só tempo íntimo e histórico, pessoal e político, era o fato de que ambos éramos, somos, seremos sempre filhos desse milagre do extemporâneo, desse anacronismo que é o futuro. E quando digo "futuro" penso sem dúvida na cidade descentralizada de *Fahrenheit 451* (onde para ler livros era necessário ser tão maquis como Lucio Costa para se infiltrar no urbanismo) e na *Alphaville* de Godard (onde a sigla HLM não designava Habitation à loyer moyen, mas sim Hôpitaux à Longues Maladies). Mas penso também nas forças, as idéias, as crenças que tornavam possível que dois cineastas como Truffaut e Godard — como muitos outros — se lançassem de repente a encenar os tempos fascinantes e terríveis que se aproximavam. Penso, claro, nas altas bandeiras do modernismo, no ímpeto dos gestos fundadores, no culto do novo, nisso que em termos bem gerais, e não sem melancolia, continua a se chamar utopismo. E penso no estranho núcleo paradoxal que parece estar no centro desse grande entusiasmo crítico e civilizador: a neces-

sidade de realizar um esforço sobre-humano (quantos braços fizeram falta, quantos foram sacrificados para construir Brasília? Ninguém soube me dizer, e durante os três dias que passarei na cidade ficou fluando na minha cabeça a famosa frase de Walter Benjamin: "Não há documento de cultura que não seja também de barbárie") para tornar realidade um futuro que, de toda maneira, estava assegurado a nós.

No dia seguinte, enquanto danço no Lago Norte o set do DJ Leozinho numa festa chamada "tardes ensolaradas" e volto a sentir que tenho pernas, me pergunto outra vez o que venho me perguntando desde a queda do muro de Berlim (primeiro) e desde a chegada de 2001, o ano de 2001, *Uma odisséia no espaço* (depois): quem inventou o futuro: a ficção científica ou o comunismo? Brasília responde: por acaso há alguma diferença? Daí o problema, ou melhor, a impossibilidade de decidir o que é Brasília: se o único experimento comunista que teve êxito (a fórmula era o plano piloto, não o plano quinquenal! Era o urbanismo, não a socialização dos meios de produção! A arquitetura, não o partido único), se o museu de um urbanista visionário (Lucio Costa) ou o de *his majesty* Niemeyer (o único arquiteto que se discute como se fosse um presidente), ou se é o exemplo mais perfeito de um escândalo para o qual ninguém — e menos que ninguém os filhos do modernismo utópico do século 20 — ainda está preparado: o escândalo de um sonho realizado.

Estive apenas três dias em Brasília, mas poderia dizer (sem fazer alarde) que nasci ali, que ali vivi, vivo e talvez viverei e que de um modo singular, desconcertante, que acabo de começar a pensar, é minha cidade, simplesmente porque de Brasília posso dizer o que não poderei nunca dizer de nenhuma outra cidade do planeta: que sou, de fato, seu contemporâneo. Nasci em 1959. Assim como pensei, enquanto dançava naquela tarde a música de Leozinho, que provavelmente fosse a pessoa mais velha de toda a festa (primeira vez na minha vida que experimento esse privilégio, e o devo a Brasília), posso dizer também que tenho a mesma idade, que sou tão velho ou tão jovem como o que a cidade tem de mais velho, e que essa evidência única — me sentir pessoal, historicamente entrelaçado com uma cidade estrangeira da qual continuo ignorando tudo — ainda faz tremer as pernas que quase não uso.

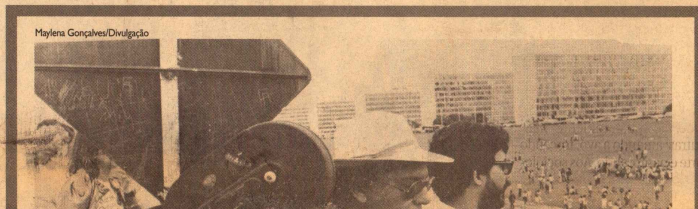
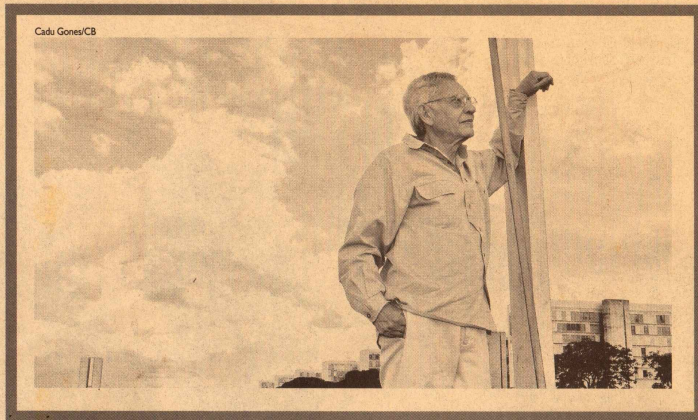
TRADUÇÃO: SÉRGIO DE SÁ

VLADIMIR CARVALHO

ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS, ROSA DOS VENTOS DA ESPERANÇA

O dia não encorajava maiores incursões, com um céu encoberto por nuvens baixas e carregadas. Por isso, limitei-me naquela manhã a simples bordejo a pé pelas imediações do Hotel Nacional, onde me hospedava junto com a ruidosa trupe do cinema convidada para o 4º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, no longínquo ano de 1969. Como ainda não conhecia a cidade, ansiava pela visão ao vivo da Esplanada dos Ministérios, com o Congresso Nacional ao fundo com suas cúpulas, e queria logo desfrutar do impacto daquele mistério côncavo e convexo da arquitetura do mestre Oscar Niemeyer.

O máximo que consegui foi uma vista parcial, turvada por denso nevoeiro que empa-



por ocasião do enterro de JK e quando da visita do Papa. Na primeira, o trágico do luto era tangenciado pelo épico das manifestações populares. Na segunda, o evento foi especialmente magnificado pelo ardor do povo em sua fé religiosa, como se pode ver nos registros que realizamos. Depois disso, novamente desceu ali uma cerrada nuvem de rotina e burocrático silêncio. Sobrou, entretanto, já ao apagar das luzes dessa fase de triste memória, a bravata nada épica mas toda hípica do general Newton Cruz investindo a cavalo e de rebenque em riste contra a multidão de carros e estudantes.

Antes desses feitos, o que se conhecia era a vaga noção da urbs e da civitas, mas faltavam o advento e a vivência da polis, o âmbito do "animal

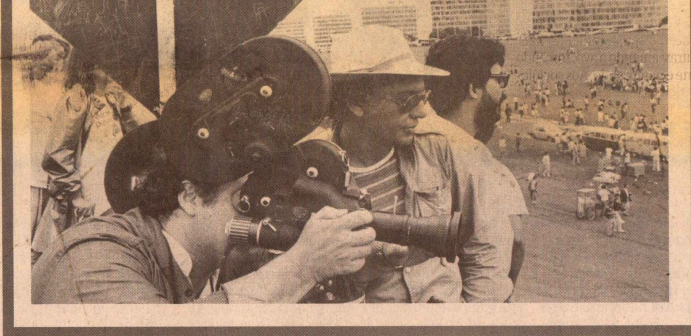
tetura do mestre Oscar Niemeyer.

O máximo que consegui foi uma vista parcial, turvada por denso nevoeiro que empantouva o cenário, coisa rara em Brasília, segundo me disseram depois. Desci então para ver de perto a estação rodoviária, e quando regresssei a turma já atacava na piscina do hotel, espantando o frio a poder de caipirinha, e Leila Diniz reinava com sua beleza e charme, com a barriga de grávida à mostra. Naquele momento, ela aprontava uma, desafiando um circunspeto Alex Vianny a entrar na água com roupa e tudo.

O tempo iria passar e se distanciar daquele início de festival que, eu ainda não sabia, estava me trazendo não para uma passagem transitória, mas para uma temporada que duraria 38 anos até hoje. E um dia, já vivendo a primeira experiência da proverbial seca do planalto, de novo procurei o espetáculo dos amplos espaços e a arquitetura da Esplanada, agora coberta da luz solar que fuzilava do alto, sem piedade, implacável com os últimos resquícios da umidade do ar. A mesma luz rascante que cegava Clarice Lispector em crônica de muito pouca simpatia por Brasília. À noite, cheio de veleidades cinematográficas e poéticas escrevi em meu diário de bordo: "Brasília/ claro enigma/ de luz incandescente/ batendo/ na lente". Como se, com isso, tivesse decifrado a esfinge. A esse tempo, trazido pelos arquitetos gaúchos que vieram como professores para restaurar o ensino das artes na UnB, pude "viajar" na literatura sobre a cidade nos textos de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

O memorial do projeto para o concurso célebre que deu a vitória ao doutor Lucio era sucinto no tocante à Esplanada: ia pouco mais do que chamá-la pelo nome e localizá-la na "campina circunvizinha", mas alteava-se, brilhante, ao dar-lhe no texto e nos desenhos a clássica dignidade dos espaços do poder em todos os tempos. Com poucos recursos, driblava a formalidade natural de um projeto sem cair nos braços da pura utopia. Enfim, uma cartesia tranquilidade profissional sublinhada no capricho do estilo hoje reconhecido e decantado.

Mas eu queria mais da Esplanada, algo que ficara nas ricas entrelinhas. Ali não se explicitava o uso cf-



vico-popular do generoso sítio e só por implícita é que se pode adivinhar a cidade-parque, o convite ao passeio a pé e à sombra de árvores acolhedoras, ausência ainda mais flagrante quando sabemos que os modelos mais próximos foram o mall dos ingleses e Versalhes. Aqui, a escala bucólica presente nos exemplos citados inexistem, perde-se em meio à contudente monumentalidade.

Enquanto desbastava a ignorância lendo esses textos, por um viés ideológico herdado de romântica militância, via aumentar quase como uma idéia fixa o meu interesse pela Esplanada e adjacências. Conservava na memória imagens que envolviam a movimentação política que antecedeu o golpe militar de 1964. Tinha lembrança nítida de uma foto de homens fardados rastejando na grama com os fuzis assastados em direção ao Palácio do Planalto, durante a revolta dos sargentos em 1963. Mas naquele início dos 70, em lugar das barulhentas manifestações pelas reformas de Jango, o que se via e ouvia eram o vazio e o silêncio impostos pelo novo regime. Até que um dia vi na prática aquilo que a teoria do sábio urbanista fazia supor. Anunciou-se com alarde a viagem de volta da Seleção Brasileira tricampeã mundial de futebol e que desceria primeiro em Brasília, trazendo o famoso caneco. E pela primeira vez víamos a Esplanada e a Praça dos Três Poderes tomadas pela multidão feliz diante dos heróis da Copa e vivendo a calorosa alegria de sua carência e compensação afetiva. O ditador da hora, Garrastazu Médici, recebeu a taça das mãos de Pelé e nós filmamos o espetáculo com um pool de câmeras operadas por professores e alunos do curso de cinema.

Algo semelhante só ocorreria mais duas vezes durante os governos militares que foram, como se sabe,

como foi reconhecido pelo próprio Lucio Costa quando viu e sentiu a Rodoviária em sua visita de 1987. E teve uma frase digna de um documentarista: "Eu cai em cheio na realidade...". Era de fato algo de irreprimível e visceral como naquele poema de Ferreira Gullar sobre a própria poesia, quando ela irrompe "de seus abismos/ desconhece o estado e a sociedade civil/ infringe o Código de Águas/ relincha/ como puta nova/ em frente ao Palácio da Alvorada".

E o que hoje se vê como um salto no tempo — e continuamos discretamente a registrar — é a transformação cada vez mais visível do uso desse espaço público, desse megapalco iluminado que é a Esplanada e arredores, onde agora vêm tremular todas as bandeiras e reivindicações das magnas questões do país. Não mais só o piado dos negro-queiros impregnado contra quem venha molestar os seus ninhos no relvado antes deserto. Num dia, são os sem-terra com suas tendas, marchas e vigílias. Em outro, são os com-terra com suas centenas de agressivos tratores, depois os índios com seus aparatos coloridos, os negros com seus ritmos, os civis, os militares com suas mulheres...

A democracia fez da Esplanada um caminho de formigas humanas que vêm dos longes do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste numa verdadeira "rosa dos ventos" soprada pela esperança. Mesmo com tudo de lamentável que a dura penas temos assistido e suportado dos desmandos dos poderes constituídos e da reles política, e que tanto afeta a auto-estima da nação, algo nos sinaliza do mais fundo desses manifestações tão cheias de expectativas que um dia vamos terminar esse longuíssimo filme com todos os fragmentos e seqüências que temos em acervo. E que ele terá um final feliz, mesmo que seja transitório(!), como, enfim, tudo na vida.

Madureira Gomes

[CORREIO BRAZILIENSE]

CARPINEJAR

A LUZ BATE E NÃO VOLTA

Edilson Rodrigues - 28/3/07



Não se entende uma cidade
enxergando.
Não se entende uma cidade
ouvindo.
Não se entende uma cidade
decorando os números e as letras.
Não se entende uma cidade
atravessando sua cintura de filhos.
Não se entende uma cidade
dividindo suas estrelas entre o Norte e o Sul.
Não se entende uma cidade,
partindo ao meio os cabelos das estradas.

Não se entende uma cidade
dormindo nela, dormindo com ela.
Não se entende uma cidade
caminhando e anotando as bainhas de suas calças.
Não se entende uma cidade
com agulhas, moedas, lápis.

Uma cidade não se entende
se não estivermos com ela até depois da morte.
Até enjoar da morte.
Até que o fim altere o nascimento.

Explicam-me Brasília, como se ela fosse uma
máquina.
Como se fosse o próprio mapa.
Brasília não é para funcionar.
É para delirar.

Brasília não é uma cidade pronta, uma cidade
armada.
Lamento dizer: Brasília não acabou.
Candangos, voltem às obras!

Não é o desenho de um único homem,
uma pista de pouso, as ruas largas, um emprego.
Um busto, uma catedral, o planalto.

Brasília não é caligrafia,
por mais que se escreva entre as linhas.

Brasília não é objetiva, concreta,
por mais que se mostre inteira.

Brasília não é falta de umidade.
Um aquário de ostras.
Um quarto de solteiro.
Os prédios não são boiadeiros.
Os prédios são prédios somente,
fingindo escavar o céu.

Brasília não é dormitório.
Não é para fazer a vida, ganhar dinheiro.
É a cauda de um piano, um peixe andando a cavalo.
Brasília é uma criança sentada na pedra,
chateada porque a terra vermelha não brinca.
A terra vermelha suja, mas não brinca.
A terra vermelha logo vai com o vento caçar
passarinho.

Tente moldar a terra vermelha, ela escapa. Nem
molhada,
se acalma. A terra vermelha é uma árvore voando.

Brasília é ruiva.
Brasília tem sardas.
Brasília tem medo de dormir sozinha.

Candangos, não são vocês que devem se adaptar à
cidade.
Quem disse isso? Brasília não está concluída.
É a cidade que precisa se adaptar a vocês.

Brasília está cansada de ser real.
Cansada de ser resumida, reduzida a um sopro de luz.
Brasília está cansada de ser real.
Não desistam de imaginá-la, candangos.

ROSA AMANDA STRAUZ

QUIETA

Uma cidade é um aglomerado de construções feitas há muito tempo. Séculos. Em alguns casos, muitos séculos. Era o que eu aprendia na escola — ou que compreendia do que me era dito. Em fotos, via Veneza. Budapeste, Paris e jurava que naqueles lugares ainda existiam fadas e príncipes. No Rio de Janeiro, não. Mas havia Petrópolis, onde meu pai tinha nascido, dentro do antiquário que servia também de casa para meus avós. E todas as peças que ainda decoravam minha casa, todas plenas de História e histórias.

O Rio de Janeiro era a cidade do meu avô, embora ele tivesse nascido na Hungria. Mas, por onde eu passava, podia perceber as marcas de seu trabalho. O casarão com fachadas de anjos (paixão dele) na Moura Brasil, os que decoravam a Embaixada da Argentina, o teto restaurado do Museu de Belas Artes. E fotos da múmia indígena que provocava pesadelos em meu pai quando ele era criança, do canhão de verdade com o qual ele brincava no quintal, e de seu violino do século 18.

Tudo me dizia que o mundo estava ali muito antes de eu ter nascido. Um mundo avô, confortável e bom.

Um mundo duro também. Com regras estabelecidas no tempo dos reis. Uma delas não saía da boca de minha mãe. Resumia-se a uma frase curta: "fique quieta, menina!"

Era assim. Meninas deviam ficar quiéatas. E foi quieta que ganhei minha primeira viagem. A Brasília, em companhia de minha avó.

Assim que o ônibus me deixou em terra firme, depois de chacoalhar por 18 horas, abri os olhos para uma cidade recém-construída. Uma cidade-menina que, à primeira vista, parecia de brinquedo. Uma cidade que tinha a mesma idade que eu: oito anos.

No trajeto da rodoviária à casa do meu primo em segundo grau, nas primeiras quadras da Asa Norte, eu conhecia uma cidade diferente. Parecia que uma criança aplicada tinha arrumado seu quarto. Exatamente como uma criança o faria. Tudo muito alinhado, mas sem dar muita atenção aos detalhes. Era como se uma mãe muito braba tivesse dito "Fique quieta, menina. Vá já arrumar as suas coisas!" para a cidade inteira. De outro modo, como ensina-

Cadu Gomes/CB



segundo grau, nas primeiras quadras da Asa Norte, eu conhecia uma cidade diferente. Parecia que uma criança aplicada tinha arrumado seu quarto. Exatamente como uma criança o faria. Tudo muito alinhado, mas sem dar muita atenção aos detalhes. Era como se uma mãe muito braba tivesse dito "Fique quieta, menina. Vá já arrumar as suas coisas!" para a cidade inteira. De outro modo, como explicar a incrível regularidade das construções, todas tão iguais e simétricas?

O prédio onde meu primo morava — exatamente como todos os seus vizinhos — era construído no topo de uma pequena elevação de terra vermelha. Havia poucas árvores em torno. Para onde quer que eu olhasse, só via um horizonte imenso e a fileira de prédios iguais, como blocos de armar dispostos no meio de um quarto meio sujo.

A primeira sensação era angustiante. Mas logo foi quebrada quando um menino sugeriu: vamos brincar? Foi aí que a ordem se desfez e a criança que se escondia em meio à harmonia forçada surgiu.

Com alguns baldes de água, a terra vermelha sobre a qual se assentavam os prédios transformava-se no mais incrível escorrega que eu jamais tinha experimentado. Menina criada em apartamento, num tempo em que nenhum condomínio tinha playground, eu experimentava a sensação de liberdade que só a rua oferece. Uma rua escorregadia e enganosa, arrumada de tal maneira que não me deixava localizar o ponto de onde tinha partido. Tudo era igual e novo. Menos a sensação de estar solta debaixo de um céu interminável.

Logo surgiu um menino tão pintado de terra quanto nós. "Vamos brincar de finca?", convidou. Trazia um fragmento de vergalhão metálico, encontrado num terreno ali por perto. Existiam milhares deles por ali. Restos de construções, serviam para riscar um campo no chão e delimitar o espaço onde o vergalhão deveria mergulhar, num só golpe, depois de cuidadosamente disparado por nossos braços mirrados.

Em poucas horas, eu estava tingida pela terra e por vitórias no jogo do finca. Parecia uma índia, uma pele-vermelha de filme americano e foi assim que entrei no apartamento onde minha avó me esperava para jantar. Não havia banho que limpasse a sensação de liberdade que havia em mim.

Enquanto eu me lambuzava de terra e corria pelas ruas, os generais baixavam o Al-5. Mas eu só soube disso muito tempo mais tarde. Naquele momento, a única notícia que tive era que parte da minha família tinha acabado de se mudar para o Chile. Nem tive tempo para ficar triste. Os meninos já me chamavam para mais uma partida de finca.

Só muitos anos mais tarde, soube que o brinquedo novo que eu descobrira tinha dono. Um dono que determinava não a ordem dos prédios sempre tão iguais, mas as regras de um jogo que eu ainda não compreendia. Um jogo que parte da minha família tinha perdido.

Meu primo mais querido mergulharia para sempre na esquizofrenia. Moraria por um tempo no Chile e depois retornaria ao Brasil, já internado como louco.

Finca.



Finca em outra terra vermelha, outro território, num terreno sem rei e sem dono, onde todos nós brincaríamos para sempre, transformando os escombros da ordem em jogos delirantes de alegria e insensatez.

Eu criança, ele louco.

A nos unir, uma cidade tão bem desenhada, tão cuidadosamente arrumada.

Hoje, quando retorno a Brasília e ouço as queixas de

seus moradores com relação ao caos urbano, não deixo de sorrir discretamente.

Como qualquer criança, conheço bem as armadilhas que se escondem por trás da ordem aparente do mundo. E sei que elas são tingidas de vermelho. Seja de terra ou de sangue.

Finca.

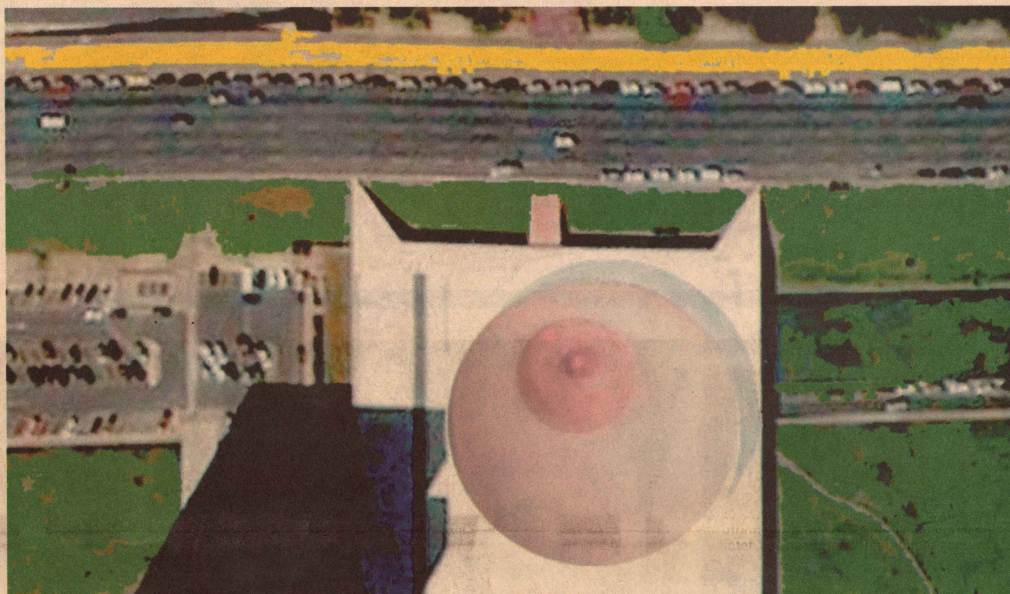
E fica quieta, menina!

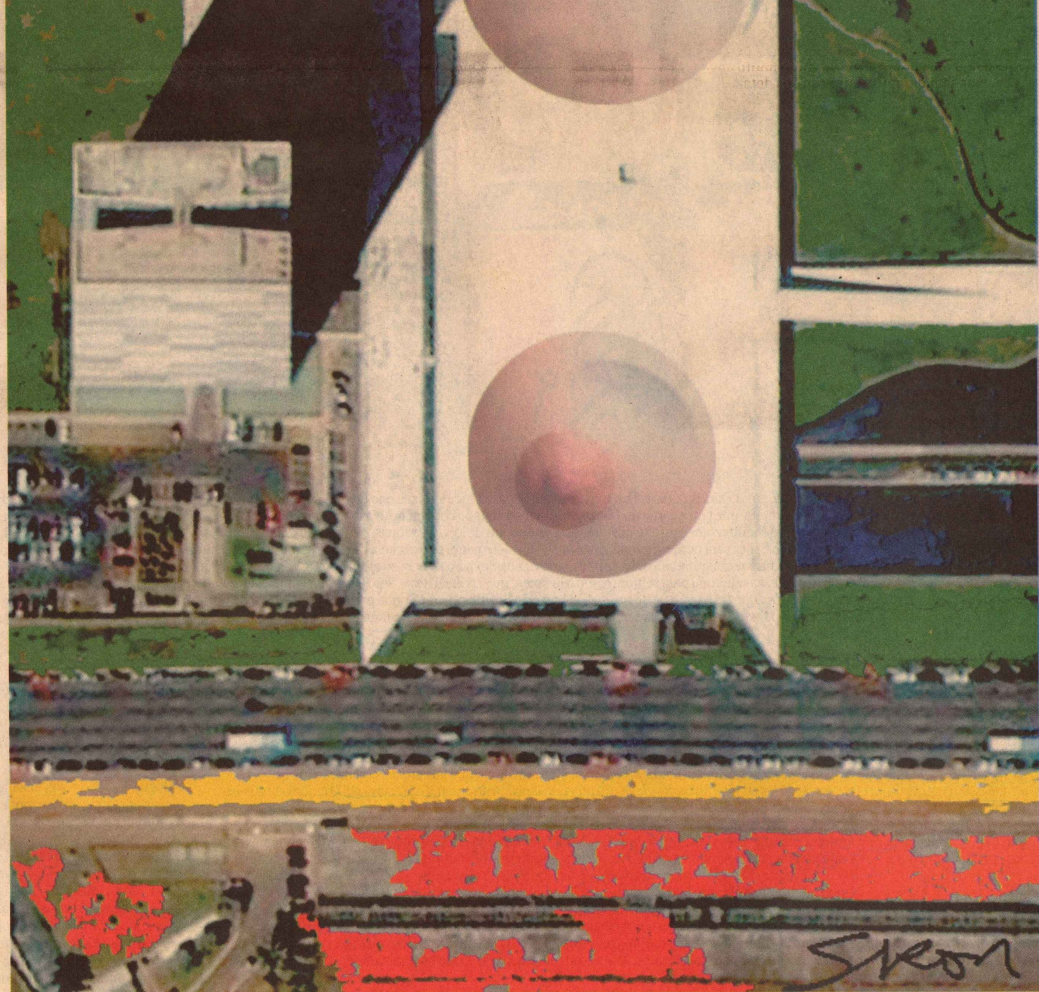
[CORREIO BRAZILIENSE]

SIRON FRANCO

A Brasil Telecom já patrocinou mais de 300 atletas, entre eles Robert Scheidt, o maior medalhista olímpico brasileiro de todos os tempos.

MÃE GENTIL





Sironi

MARCELO DUARTE

BRASÍLIA CURIOSA

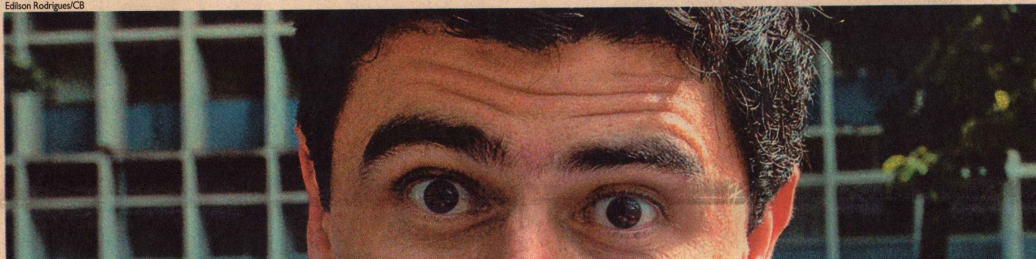
RATOS E DISCOS

Onde comprar uma ratoeira? Pode parecer uma coisa banal, mas pelo que temos lido no noticiário ratoeira é um objeto que anda em falta em Brasília. Para encontrar a ratoeira, rodei até chegar ao Núcleo Bandeirante. A primeira tarefa não foi das mais difíceis. Na Ferragens Faria, encontrei o pega-rato em dois tamanhos: a pequena, R\$ 1,50, e a grande, R\$ 3. "Só que esta não pega aqueles caras lá do Congresso", repete Manoel José Farias sempre que alguém pede uma. "Vendo dez por mês." Ele está no mercado desde a inauguração, em 19 de dezembro de 1979. Missão cumprida? Já que estava por lá mesmo, resolvi dar uma passeada pelos outros pisos. No andar de cima, encontro a Pana-Som, uma loja dividida em três. A primeira vende instrumentos musicais. A segunda tem uma seleção de CDs. Só que eu gostei mesmo da terceira, um bem organizado sebo de LPs e compactos. São quase 7 mil discos, todos cadastrados por Rachel Gabriel Ferreira, irmã do dono da Pana-Som. "Tem muita gente jovem que vem comprar aqui", garante ela. "Um casal levou quase tudo o que eu tinha dos Beatles." Os LPs custam de R\$ 3 a R\$ 20. "O mais engraçado é este aqui", diz, tirando da pilha um LP com o apresentador Gilberto Barros, o "Leão", e um menininho na capa. "Nem sabia que ele cantava." O disco sai por R\$ 7. "Tinha também um com piadas da Dercy Gonçalves, mas outro dia um senhor levou. Ele arrematou também tudo o que eu tinha do Juca Chaves. Nessa parte de humor, só sobrou o Costinha." Muito obrigado, só estava mesmo dando uma olhadinha.

MORTADELA, LULA OU TUCANINHA?

Depois de experimentar o sabor do Maranhão, Brasília também me fez saborear o gostinho de casa. O pantagruélico sanduíche de mortadela, que faz sucesso em São Paulo, tem sua versão brasiliense no Mercado Municipal, na W3. Antes de encher a panela, é uma delícia passear pelos corredores e ir descobrindo produtos curiosos. Numa prateleira, por exemplo, uma lata da verdura libanesa mulukia faz fronteira com uma geléia de acerola com canela do Ceará. Tem lingüiça com ervas doces, rúcula e tomate seco, azeitona ou provolone. Você não gosta de ouvir falar em carne? A casa oferece um pacotinho de feijoada vegetariana, vem com feijão azuki, carne de soja, cenoura, couve, alho, cebola, louro, sal e condimentos. Só não sei como um pacote tão pequeno rende quatro porções... Para comer na hora ou levar para casa, há ainda empadas de brigadeiro ou de lombo com cheddar. No jogo político, o Mercado Municipal também fica bem com os dois lados. A peixaria vende a lula tubo e a lula inteira, enquanto o setor de bebidas oferece a cachaça Tucaninha. E viva a democracia!

Edison Rodrigues/CB





ENCONTRO COM JESUS

Novas surpresas estavam me esperando na Feira do Guará. Desta vez, fui sem nada em mente. O passeio teve até um encontro meu com Jesus. Mas isso eu explico daqui a pouco. Primeiro vale citar a carne de pato caiçira, que tem a carne mais vermelha, por ser tratado com milho, e não com ração. Achei muito engraçado ver cabeças de peixe sendo vendidas a R\$ 0,99 cada uma. Cores e cheiros começam a se misturar com as dezenas de lojas de roupas; semente de umburama, cumari do Pará, jurubeba e até um chá de emagrecimento com 30 ervas. Numa banca sem nome, a garrafa de coquetel de mel e pequi estava cheia de teias de aranha. Há pequi por toda a parte, incluindo grandes vidros com 5 quilos da polpa. Às sextas, numa banca natureba, o cliente pode comprar capim para fazer suco em casa (que sorte que era quarta...).

Mas a Feira do Guará ficará guardada na memória para sempre como o lugar em que conheci Jesus. Sim, Jesus! Em embalagens plásticas de 250 ml e 1,5 litro ou latínhas de 330 ml. Jesus é o nome do guaraná cor-de-rosa que faz o maior sucesso em São Luís do Maranhão. Nunca tinha provado um. O dono do boxe 395 contou que um ônibus de excursão, que faz a rota Brasília-São Luís-Brasília todas as semanas, volta sempre carregado com a bebida. Para a Semana Santa, ele teve que pedir reforço, ôbvio. Que Jesus me perdoe, mas o guaraná não é lá grandes coisas.

NO PARAGUAI, COM SUASSUNA

Cruzamos a fronteira e chegamos ao Paraguai. Ou melhor, chegamos à Feira dos Importados, no Setor de Indústria e Abastecimento, perto do Cruzeiro. Uma placa da Associação dos Guardadores de Carros alerta os flanelinhas para tomarem cuidado com o sol. Não era miragem. Mais impressionante ainda é o comércio de DVDs piratas. *O segredo* nem tinha sido lançado no cinema e já estava ali. O cinema brasileiro também anda prestigiado por aquelas bandas, com a cópia pirata de *O ano em que meus pais saíram de férias*. Em um dos boxes, vi duas capas diferentes para o mesmo filme, *Borat*. "É que peguei de fornecedores diferentes", me explicou a balconista. Mas não é só de cópias que vivem os descendentes de Capitão Gancho. Há também produtos especialmente desenvolvidos pela indústria da pirataria, como um DVD que retine cliques de Wanessa Camargo e Marjorie Estiano. Outro traz o Melhor do Flashback, começando com o clipe de Rod Stewart (sem o "I", como aparece na contracapa). Outro sucesso é o DVD com as pegadinhas de Silvio Santos no programa *Topa tudo por dinheiro*, incluindo o vídeo em que o dono do SBT cai numa tina cheia de água, sucesso total no *YouTube*. Mesmo com todo o seu tino

comercial, Silvio Santos nem cogitou lançar esse produto, que custa ali R\$ 5. O que mais me chamou a atenção no meio de tantos produtos importados foi uma banca que vende gravatas com nó pronto. Os modelos com zíper, em cores cítricas berrantes, saem por R\$ 10 e os chamados nós práticos saem por R\$ 15. Indiferente às gravatas, em mangas de camisa, o ex-senador Ney Suassuna fazia suas comprinhas por lá no último dia 4, às 11h da manhã. Estava carregado de sacolas, duas delas com a marca Victor Hugo. Parou ainda para levar um telefone sem fio da marca Panasonic. Pagamento *cash*.

GANHE, MAS DEVOLVA

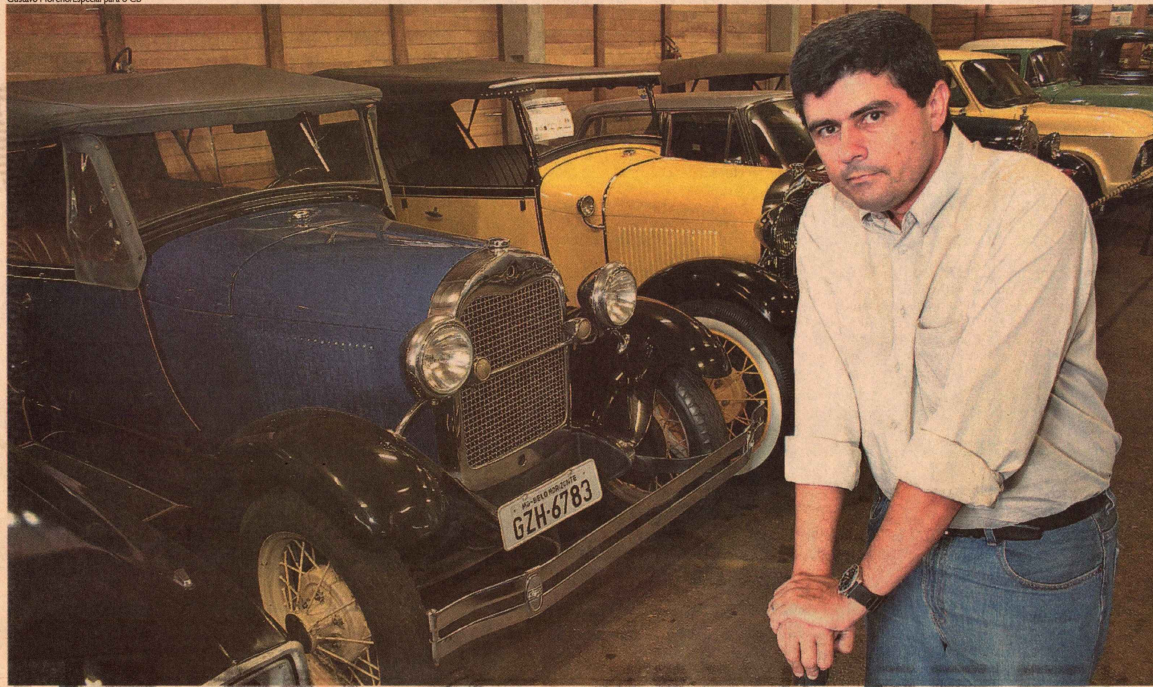
"Alugue dois DVDs e ganhe uma revista para ler e devolver". Como alguém pode ganhar algo para devolver depois? Não é piada. A faixa está na frente da banca do Seu Lourival, no bloco A da 108 Sul. Ele começou a alugar fitas VHS em sua banca há dez anos. Depois trocou todo o acervo por DVDs. São 1.700 no total. Alugando dois, o cliente pode levar ainda uma revista da semana – qualquer uma – para ser lida e devolvida junto com os DVDs. "A cultura neste país anda tão ruim que tem gente que nem quer saber da revista", lamenta ele. Num cantinho, há edições antigas de *Playboy* e *Status*, que podem ser arrematadas por valores que vão de R\$ 1,99 a R\$ 2,90. Mas essas ele não empresta.

[CORREIO BRAZILIENSE]

A culpada por tudo foi Sharon Stone. Em 1992, eu era repórter da revista *Veja S. Paulo* e ela estava em cartaz com *Instinto selvagem*. Fui escalado para encontrar uma loja que vendesse furador de gelo na cidade. Não encontrei o tal instrumento, mas voltei com uma série de achados interessantes. Um foi puxando outro. Essas andanças se transformaram num livro chamado *1.075 endereços de São Paulo*. Renderam também um olhar sempre atento atrás de novidades aonde quer que eu vá. E vim até Brasília com uma missão à la Jack Bauer: quantos endereços curiosos eu conseguiria encontrar em 24 horas? Valendo...

A Brasil Telecom apóia vários espetáculos e já patrocinou mais de 650 projetos culturais em toda a sua área de atuação.

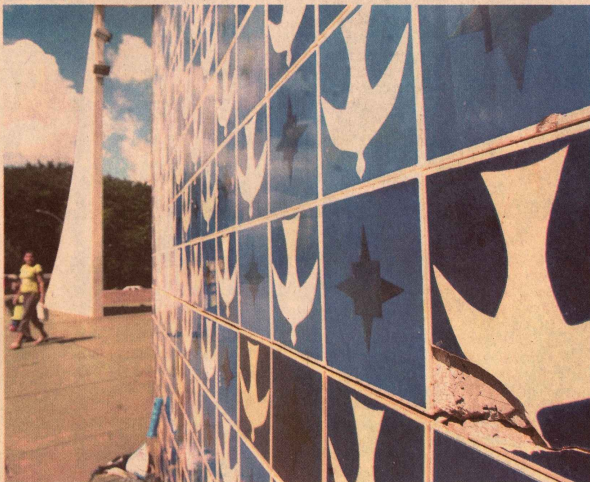
Gustavo Moreno/Especial para o CB



VELHINHOS, MAS BEM CONSERVADOS

Plantei verde e colhi maduro. Parei no Museu Vivo da Memória Candanga, no caminho para o Núcleo Bandeirante. Estava fechado. Mas, lá no fundo, fiz uma descoberta e tanto. Dois galpões azuis abrigam o museu e a oficina de restauração do Veteran Brasília. Estão expostos ali 19 carros, cinco vespas e três minicarros. Pelas assinaturas no livro de visitas, percebo que o lugar é meio secreto mesmo: apenas 16 visitantes apareceram por lá nos três primeiros meses de 2007 para ver um Ford 1929, um Gordini 1965, um DKW Malzoni 1966, um Simca Tufão 1964, um Fusca 1963... Os amantes de carros antigos podem consultar ainda uma pequena biblioteca com revistas nacionais e estrangeiras. "A oficina atende os sócios do clube", explica Humberto Poppi Neto, sócio-fundador do Veteran Brasília, em 1983. "Nossa especialidade são os carros nacionais com mais de 30 anos."

Cadu Gomes/CB



AZULEJOS E VESPEIROS

A única atração turística que tive tempo de ver na Asa Sul foi a Igrejainha Nossa Senhora de Fátima, que comemorará seu cinquentenário em junho do ano que vem. Para não perder o costume, contei os azulejos de Athos Bulcão que estavam rachados ou quebrados. O número mostra bem o descuido: 127. Detalhe: havia 19 vespeiros se formando nos azulejos da Igrejainha. Achou pouco curioso? Então, ande uns 200 metros e vá comer no rodízio de pastel da 107 Sul. Pague R\$ 11,90 e devore quantos pastéis e agüentar.

NO ESPÍRITO DO CONIC

Não deve existir lugar mais ecumênico no mundo que o Conic. A livraria evangélica, que vende toda a coleção de Mara Maravilha e também o novo CD *Bye, bye pecador*, convive aparentemente sem problemas com os cinemas pornôs e os shows de strip-tease. Um deles exibe um filme que nunca existiu oficialmente: a primeira-dama do rebolado Gretchen mandando ver no meio do Carnaval 2007. A loja de produtos de umbanda Rei dos Orixás vende uma garrafinha de "Afasta Espírito", bem ao lado da Livraria do Partido da Causa Operária. Aliás, na vitrine do PCO, Lênin, Engels e Rosa de Luxemburgo dividem espaço com um DVD de John Wayne. Vá entender. O que vale mesmo é conhecer as lojas de camisetas espirituosas de lá. A K'Traca, a mais buxixada, satiriza as logomarcas de grandes empresas. Ninguém no Congresso Nacional foi visto ainda com aquela que diz: "Vivo sem dinheiro".

MEL COM QUEIJO? SIM, É SORVETE

Mama-cadela, pequi, capim santo, araticum, bacuri, murici, cajuzinho-cerrado, butiá... Fiquei com a mão cheia de pazinhas de madeira de tantos sabores que pedi para experimentar. Você, aqui em Brasília, pode ir até a Sorbê e tomar um sorvete de fruta do cerrado quando quiser. Eu preciso enfrentar uma hora e meia (sei, sei) de voo. Acabei escolhendo uma bola de mel de engenho com queijo coalho e outra de castanha de baru. Não faço idéia de como seja um baru (pronto, olhei no Google imagens e já descobri a cara que tem). Sai de lá com vontade de provar caqui, jabuticaba e jaca. Fica para a edição do ano que vem. Que cara de pau eu sou. Já me convidando...

David

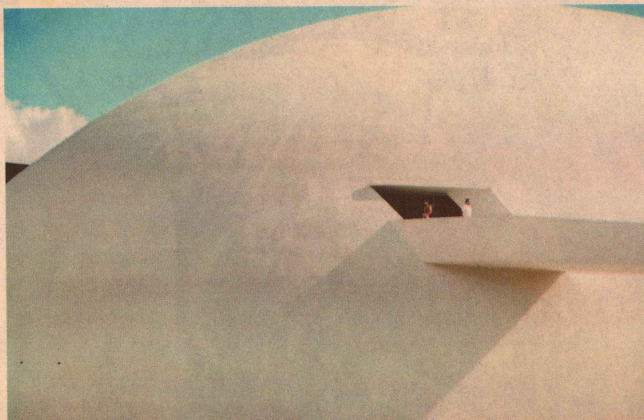
LUIS HUMBERTO

VIAGEM ENTRISTECIDA AO SONHO AMEAÇADO

O sonho é a transgressão dos limites do possível. É transformador e remete-nos, se tivermos a coragem de acreditar nele, no rumo de horizontes ampliados de encantamento.

Se assim o aceitamos, iremos enfrentar combates permanentes contra a mediocridade, a inveja e a negação que, de tempos em tempos, irão saltar das sombras. São tempos sem limites éticos, de insensibilidade e de empenho na construção da mentira.

O sonho frustrado abre espaço à desesperança e ao ressentimento. Por outro lado, a impunidade anima a arrogância.



MUSEU DA REPÚBLICA: SEM PAISAGISMO

A cidade é povoada pela ignorância e pela selvageria. Instala-se a barbárie, refletida no trânsito, marcado por assassinatos diários.

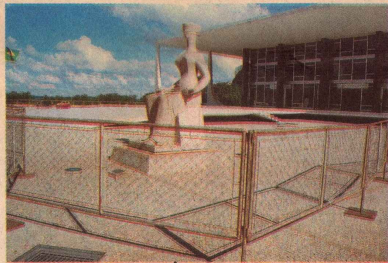
Os políticos, ambiciosos e sem mobilidade intelectual e sem dimensão, não têm estatura para encaminhar soluções para os problemas agravados pela indiferença.

A morte chega mais inesperada do que nunca.

São tempos de um complot contra o prazer e a grandeza.

São tempos de ruidosa incompetência, de muito barulho e pouca luz.





GRADES EM VOLTA DO STF: CADÊ O IPHAN?



MENSAGEM A CAMINHO DO AEROPORTO



HOMENAGEM A CICLISTA MORTO NO EIXÃO SUL

EH